

## O POLIAMOR NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: DEFINIÇÕES, GÊNERO, CIÚME E PRECONCEITO

Carla Ruiz Martin,<sup>1</sup> Meireluci Costa Ribeiro<sup>2</sup>

POLYAMORY IN CONTEMPORARY BRAZIL: DEFINITIONS, GENDER, JEALOUSY AND PREJUDICE

POLIAMOR EN EL BRASIL CONTEMPORÁNEO: DEFINICIONES, GÉNERO, CELOS Y PREJUICIOS

**Resumo:** Os relacionamentos afetivos e sua construção fazem parte dos desafios da contemporaneidade. As pessoas buscam por diferentes tipos de relacionamentos, inclusive o poliamor, que é a possibilidade de amar e se relacionar afetivamente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. O objetivo desta revisão integrativa foi analisar como os adeptos desse tipo de relação definem o termo poliamor e suas implicações afetivas e sociais. Fizemos buscas no Google Scholar por estudos sobre esse tema realizados no Brasil nos últimos dez anos e incluímos seis estudos. Os participantes definem poliamor como uma forma de se relacionar em que há mais de uma relação amorosa ao mesmo tempo, e consideram esse tipo de relacionamento mais evoluído do que a monogamia. Destacamos e analisamos questões associadas ao poliamor como ciúme, idealização do poliamor, fidelidade e polifidelidade, preconceito, casamento, e equidade de gênero, assim como os desafios desse tipo de relacionamento com os parceiros amorosos, as famílias e a sociedade. Os participantes dos estudos relataram que as constantes pressões sociais e familiares, e as dificuldades para reivindicar direitos, contribuem para a falta de reconhecimento das relações poliamorosas pela sociedade.

**Palavras-chave:** Poliamor. Relacionamentos. Sexualidade. Gênero. Orientação Sexual.

**Abstract:** Affective relationships and their construction are part of contemporary challenges. People search for different types of relationships, including polyamory, which is the possibility of loving and having affective relationships with more than one person at the same time. The objective of this integrative review was to analyze how people who practice this type of relationship define the term polyamory, and its affective and social implications. We searched Google Scholar for studies on this topic conducted in Brazil in the last ten years and we included six studies. Study participants defined polyamory as having more than one love relationship at the same time, and consider this type of relationship as more evolved than monogamy. We highlight and analyze polyamory related issues including jealousy, idealization of polyamory, fidelity and poly-fidelity, prejudice, marriage, and gender equity, as well as the challenges in this type of relationship with love partners, families and society. Study participants reported that constant social and family pressure, along with difficulties claiming rights, contribute to the lack of recognition of polyamorous relationships by society.

**Keywords:** Polyamory. Relationships. Sexuality. Gender. Sexual Orientation.

**Resumen:** Las relaciones afectivas y su construcción son parte de los desafíos de la época contemporánea. Las personas buscan diferentes tipos de relaciones, incluido el poliamor, que es la posibilidad de amar y relacionarse afectuosamente con más de una persona al mismo tiempo. El objetivo de esta revisión integradora fue analizar cómo los seguidores de este tipo de relación definen el término poliamor y sus implicaciones afectivas y sociales. Se realizaron búsquedas en Google Scholar de estudios sobre este tema realizados en Brasil en los últimos diez años e incluimos seis estudios. Los participantes definen el poliamor como una forma de relacionarse en la que existe más de una relación amorosa al mismo tiempo, y consideran que este tipo de relación está más evolucionada que la monogamia. Destacamos y analizamos cuestiones asociadas al poliamor como los celos, la idealización del poliamor, la fidelidad y polifidelidad, el prejuicio, el

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP) e historiadora pela Universidade Cidade de São Paulo (Unicid). Pós-Graduada em Terapia Sexual pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal). E-mail: [contato@carlaruizpsico.com.br](mailto:contato@carlaruizpsico.com.br)

<sup>2</sup> PhD em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), especialista em Sexualidade Humana pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), assistente social e graduanda em Psicologia pela Universidade Cidade de São Paulo (Unicid). Professora dos cursos de Pós-Graduação em Educação e Terapia Sexual, do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal), campus Pio XI. E-mail: [ribeiro.meire@hotmail.com](mailto:ribeiro.meire@hotmail.com)

matrimonio y la equidad de género, así como los retos de este tipo de relación con los amantes, las familias y la sociedad. Los participantes del estudio informaron que las constantes presiones sociales y familiares y las dificultades para reclamar derechos contribuyen a la falta de reconocimiento de las relaciones poliamorosas por parte de la sociedad.

**Palabras clave:** Poliamor. Relaciones. Sexualidad. Género. Orientación sexual.

## Introdução

A sociedade atual está mudando constantemente e, com a aceleração de informações, mudamos nosso modo de nos relacionar, sendo que, no que se refere às relações afetivas, percebemos que alguns modelos antes considerados ideais, caminham junto com as mudanças recentes. Freire e Gouveia (2017) revelam que o tema poliamor começa a ganhar força a partir da década de 1960. Entre 1950 e 1970, nos Estados Unidos, alguns movimentos alternativos ganham força, originando o movimento de contracultura, como crítica ao “American Way of Life” (modo de vida americano), sendo que algumas de suas bandeiras eram “Peace and Love” (paz e amor) e “Make Love, Not War” (faça amor, não guerra).

Outro momento importante na história é a revolução sexual, com os novos métodos contraceptivos, o que originou um novo comportamento sexual, na década de 1960, possibilitando a mudança de visão do sexo, não apenas com um fim procriativo, mas como fonte de prazer (FREIRE; GOUVEIA, 2017).

Com as transformações, começam a surgir questionamentos também no âmbito da clínica, sobre as diferentes formas de conjugalidades, sobre modelos adequados para cada pessoa e casal. Sendo assim, é de grande importância que se abra o espaço para o diálogo e para os estudos acerca de novas possibilidades de configurações amorosas e formações familiares.

Atualmente, as relações já estão passando por transformações e alguns novos modelos já são mais aceitos, como por exemplo, as relações homoafetivas ou os relacionamentos que incluem mais de duas pessoas, partindo de acordos entre todos os envolvidos. A partir do momento em que novas configurações são propostas, é preciso também pensar sobre a aceitação social e a questão que se refere às leis e às condições preestabelecidas familiares, já que o modelo monogâmico e heterossexual prevaleceu como ideal por muito tempo (FREIRE; GOUVEIA, 2017).

Cardoso (2017) refere que o termo poliamor foi definido em dois contextos diferentes. Primeiramente, em 1990, ligado à Igreja de Todos os Mundos, composta de membros neopagãos, dentre eles, Deborah Anapol, que publica um dos livros mais difundidos sobre o tema. Nesse contexto, o termo em inglês é *polyamorous* (adjetivo), e alguns meses depois, o termo *polyamory* (substantivo) surge nesse mesmo local. Em 1992, o termo reaparece

em uma *mailing list* de um serviço *on-line*, a *Usenet*. O serviço hoje está em desuso, porém, naquele período era utilizado para falar sobre “os aspectos românticos e emocionais de ter múltiplos amantes” (WESP, 1992), tendo Jennifer Wesp criado o termo nesse contexto.

Uma das precursoras desses estudos no Brasil é a psicanalista Regina Navarro Lins, que fez sucesso no país com seu livro *A cama na varanda*. Na década de 1990, Regina publicava no *Jornal do Brasil* (JB) e é nesse período que ela começa a questionar a monogamia como único modelo relacional possível. Pilão (2017), em suas pesquisas sobre a autora, revela que, em 1997, ocorre a primeira menção de Regina Navarro Lins no JB sobre relações a três. Ela comenta que em todos os filmes e peças em que há mais de duas pessoas em uma relação, o final da história é trágico e atribui esse fator ao moralismo vigente em nosso país. Ainda em 1997, Regina Navarro Lins publica uma crítica ao ciúme e ao que chama de aprisionamento dos parceiros afetivos devido à falta de autonomia entre o casal.

Outros modelos relacionais atuais como os relacionamentos abertos e o amor livre, dentre outros, também serão trazidos para se compreender como eles refletem a liberdade buscada nas relações contemporâneas. França (2017), em sua pesquisa de campo, revela que é importante para os adeptos do poliamor discutirem as diferenças entre os modelos relacionais não monogâmicos existentes. Há também a discussão sobre a prática poliamorosa ser um modelo elitizado, uma vez que, em alguns discursos feministas, esse modelo de relação não dá vazão a mulheres negras e periféricas, já pautadas em um sistema onde há padrões evidenciados de beleza.

O presente trabalho visa apresentar e analisar dados da literatura científica sobre o poliamor no Brasil, a fim de agregar conhecimentos no círculo acadêmico e na prática clínica. Para tanto, realizamos uma busca no Google Scholar, com o termo “poliamor” por estudos realizados no país, nos últimos dez, anos e seis artigos foram incluídos. Com o avanço nas pesquisas, poderemos trazer à luz reflexões sobre a complexidade presente na escolha desse modelo de relacionamento.

## Novas configurações amorosas: aspectos conceituais

O uso do termo poliamor tem sido utilizado academicamente para definir relacionamentos entre mais de duas pessoas, entretanto, uma das maiores divergências

que podemos observar entre seus adeptos é justamente acerca do uso do termo e das idealizações a respeito de uma relação poliamorosa.

Segundo Perez e Palma (2018), a não monogamia já aparece como desconstrução do termo “mono” = um e “gamia” = casamento. Na pesquisa realizada por Pilão e Goldenberg (2012), os participantes compreendiam a monogamia como uma estrutura menos desenvolvida, já que envolve ciúme e competições entre as pessoas. Como nos mostra um dos participantes, Rodrigo, o poliamor só poderia se tornar majoritário em uma estrutura social que fosse comunista. Ele ainda defende que radicalidade se combate com radicalidade, defendendo que se deve combater a exclusividade amorosa e a homofobia. Esse discurso diverge de outros adeptos que consideram a monogamia uma opção, assim como o poliamor. Alana é uma das participantes que afirma que “não se deve cair em uma ‘ditadura poli’” (PEREZ; PALMA, 2018, p. 66). Nesse sentido, Barker e Landgdrige (2010 apud PILÃO; GOLDENBERG, 2012) apresentam um discurso político no meio poli, que coloca a monogamia em um regime patriarcal e capitalista.

Em estudo de Perez e Palma (2018) os participantes não elevam o poliamor a um grau de maior desenvolvimento. Uma das entrevistadas, Ana, diz:

[...] nas minhas relações anteriores eu era extremamente ciumenta e possessiva e tudo mais... na minha concepção, ciúmes e possessão não significa mais amor como achei que era. É mais uma coisa que a sociedade criou, entende? (PEREZ; PALMA, 2018, p. 5).

França (2017, p. 52) refere que em um dos encontros de poliamoristas, ocorridos em Brasília, o tema era “O que é o Poliamor”, e as informações que obteve partem do princípio não monogâmico, o que faz com que os participantes evitem o ciúme e a infidelidade, em uma relação consensual na qual “é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo e estabelecer relações afetivo-amorosas simultâneas com o consentimento de todas as pessoas envolvidas”.

Da mesma forma, Tavares e Souza (2017) afirmam que embora haja diferenças entre os participantes na definição do termo, todos concordam que consenso, liberdade e honestidade são premissas para que se construa uma relação poliamorosa, como mostra a fala de A.P.M.:

[...] é óbvio que eu sendo poliamorista tenho várias namoradas e a administração desses relacionamentos é um pouco complicada, porque nem todas elas são poliamoristas, mas me aceitam, eu falo abertamente com elas o seguinte: não conto uma mentira para ninguém com quem me relaciono a mais de 10 anos, porque não é necessário. Eu me abduco de uma pessoa, de um relacionamento, mas não abduco de falar a verdade. (TAVAREZ; SOUZA, 2017, p. 82).

Sobre a conceituação do termo, a divergência entre os participantes aparece na pesquisa de Pilão (2015) em que Reinaldo, dono da comunidade do Orkut, define poliamor como “estar absolutamente livre para sentir o que seja, livre de conceitos, de ideias formuladas por outros sobre o sentir e o amar”. Para ele, quando se inicia uma relação, se busca conceituá-la, com questionamentos sobre que é e o porquê dos sentimentos, e questiona por que não se pode simplesmente sentir e ser. Já outro membro da comunidade, João, acredita que os conceitos ligados ao poliamor devem ser muito bem definidos, já que assim as pessoas se entenderiam, saberiam o que estão vivendo. Outra participante, Alana, refere que conceituar o termo seria um desserviço, como se pode observar na afirmação a seguir:

Não me interessa muito a questão das nomenclaturas e regras de transformar o poli num movimento político e exigir que a sociedade reconheça o casamento poli ou que inventem uma lei para pessoas polifóbicas. Gostaria era de ter liberdade de viver meus relacionamentos em paz, sem ter necessidade de validar de alguma forma, conceituar e racionalizar muito, para mim chega de teoria... na prática estamos muito distantes do que utopiamos. (PILÃO, 2015, p. 398).

Nesse sentido, podemos observar que existe nas vivências poliamorosas uma identidade diferenciada, porém, para que se possa afirmar sua posição socialmente, os praticantes poderiam se utilizar de determinados conceitos que expliquem e exemplifiquem esse modelo de relação. Alice, participante da comunidade do Orkut, mostra que é contrária ao emprego de rótulos, porém, para ter liberdade para viver suas relações, sente que necessita de uma organização que defina sua opção, para que seja mais compreendida e tolerada socialmente. (PILÃO, 2015, p. 399).

Pilão (2015) relata que essa discussão se intensificou em 2011, na Rede Poliamor Brasil. Entretanto, foi difícil atingir o objetivo proposto de unificação da luta pela legitimação do poliamor, resultando no afastamento de alguns integrantes, impedindo a construção de um grupo poliamorista coeso.

### **Complexidades do poliamor enquanto modelo de relacionamento**

Outro tema, frequentemente discutido nas relações poliamorosas, é o ciúme e como lidar com ele. Sobre isso, os participantes das pesquisas concordam que o ciúme existe e é um sentimento negativo que deve ser combatido. O termo que define esse processo é a compersão, ou empatia, por aqueles com quem se relaciona, compreendendo que o amor pode acontecer entre duas ou mais pessoas ao mesmo tempo, gerando assim, a capacidade de se

sentir feliz por seu parceiro ser capaz de envolver-se com outras pessoas. (LINS, 2014; PILÃO, 2015).

Perez e Palma (2018) apontam que os entrevistados vivem o ciúme como parte de seus sentimentos e procuram compreendê-lo e modificá-lo. Uma das entrevistadas, Débora, relata que pode sentir ciúmes de seu namorado e que ele não tem obrigação alguma de ter que resolver isso. Outra entrevistada, Natália, revela que em seu relacionamento ambos contam sobre quem se envolvem e avisam o outro quando vão sair com alguém, e ressalta, ainda, que ambos ficam felizes em saber sobre os envolvimento da parceria. (PEREZ; PALMA, 2018).

França (2017) traz uma reflexão, quando observa encontros do grupo Poliamor Brasília: uma vez que boa parte das relações amorosas pode acabar por ciúme ou traição, não seria melhor poder ter a liberdade de admitir que é possível se sentir atraído, assim como amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo?

Nesse sentido, um dos participantes da pesquisa de Tavares e Souza (2017), C.L.L. acredita que o ciúme é um sentimento que destrói qualquer tipo de relacionamento, pois se perde muito tempo com esse sentimento criando situações, ao invés de se viver a relação de uma forma mais plena. Outro participante, A.P.M., diz que foi fácil lidar com a questão do ciúme, até porque nunca o sentiu, e acredita ser a pessoa mais compersiva do mundo, amando de forma natural e acreditando que quando ama alguém, a pessoa tem o direito de ser feliz e ficar com quem tiver vontade. E continua afirmando que se puder participar, ótimo, mas caso contrário, já ficaria feliz em apenas assistir a parceria se relacionando com outra pessoa.

Pilão (2012) traz dados sobre dois participantes do grupo do Facebook, João e Mariana, que se referem ao ciúme como um sentimento originário na infância, e que seria mesmo “um retorno à nossa primeira infância quando a mãe era só nossa e o peito tava ali sempre que a gente chorava”. Tal afirmação vai ao encontro da tese defendida por Lins (2010), em que o ciúme estaria diretamente ligado às defesas contra o medo primário ao abandono.

Segundo os adeptos do poliamor, é necessário que o sentimento de ciúme seja trabalhado através da compersão. Marcos, participante da pesquisa de Pilão (2012, p. 9) fala sobre a busca da segurança, de acordo com o dinamismo do mundo.

Nada na vida é estático; tudo, para conter vida, exige movimento, e movimento exige equilíbrio, e equilíbrio exige segurança, que não é outra coisa que domínio de si. Ciúme talvez seja essa falta de domínio de si. E como é árduo o treinamento até se chegar à faixa preta do Poliamor!... É preciso treinar todos os dias, até o nível da maestria. No entanto, mesmo sendo um mestre, o ciúme o acompanhará sempre. A chave para dominá-lo é aprendendo a conviver com ele. Não há outro caminho.

A discussão sobre o ciúme traz luz às demais reflexões sobre igualdade e liberdade, o que nos faz pensar sobre os acordos estabelecidos nas relações poliamorosas e em quais premissas devem ser pautados. Nesse sentido, Pilão (2015) apresenta a prevalência da liberdade sobre a igualdade, sendo que os indivíduos que se encontram nesse modelo de relacionamento tendem a preservar mais a singularidade do que estabelecer concessões para o parceiro.

A este ponto, podemos pensar sobre as trocas realizadas nas relações, ou os acordos estabelecidos e pautados em um sistema de reciprocidade, levando em consideração o que significa o ciúme para cada um. Segundo Maurício, entrevistado por Pilão (2012, p. 413), “temos o amor concebido dessa forma, devido a uma herança cristã, que nos coloca em uma posição sacrificial de doação”. Ainda para Maurício, assim como para outro participante, Reinaldo, o amor é incondicional e não pautado em trocas, uma vez que não se depende do amor do outro para se construir o seu. Afirmam, ainda, que em uma relação poliamorosa, seria melhor partir do princípio de aceitação da singularidade do outro, incluindo sua forma de amar, conforme a seguir:

Ao conceber as relações amorosas como trocas seriam criadas ‘dívidas’, já que as partes seriam estimuladas a dar o que não têm. É a essa forma de amor que ambos se opõem, defendendo, em contrapartida, um laço baseado na tolerância e na aceitação da liberdade e da singularidade do amado. (PILÃO, 2012, p. 414)

Através dessa discussão sobre as trocas nas relações poliamorosas, podemos refletir sobre outro conceito que traz divergências entre os adeptos do poliamor, a polifidelidade e a relação livre. As divergências entre os adeptos sobre o que define uma relação poliamorosa traz a discussão sobre fechar ou não os relacionamentos poliamorosos, e se a fidelidade levaria novamente a um ideal monogâmico, ideal tão combatido pelos próprios poliamoristas. Para alguns entrevistados de Pilão (2012), a polifidelidade nada mais seria do que uma extensão da monogamia, e que, portanto, não haveria sentido em discutir essa questão. Já para Brenda, do blog Poliamores, também entrevistada pelo autor, a exclusividade nos relacionamentos poliamorosos não é uma dificuldade, e alega que caso uma das pessoas se interesse por outra de maneira mais forte, ela aceita a aproximação, muito embora prefira a exclusividade.

Para Pilão (2012), a discussão sobre polifidelidade é mais presente entre os estudos norte-americanos e europeus. Já no Brasil, preza-se mais a liberdade e a lealdade a si mesmo, o que possibilita maior abertura de relações amorosas.

O que os poliamoristas concordam em seus discursos é quanto ao estabelecimento de mais de uma relação amorosa ao mesmo tempo. Pilão (2015) mostra que alguns adeptos falam sobre parcerias primárias e

secundárias, o que nos faz refletir sobre a hierarquização das relações poliamorosas e sobre os resquícios da monogamia. Aqui cabe ressaltar a visão de vínculos monogâmicos como próprios da sociedade atual, capitalista, na qual os relacionamentos afetivos também pertencem a uma definição de posse. O poliamor iria contra as hierarquias e competições.

Partindo dessa discussão, cabe trazer o conceito de Relações Livres (RLi), apontado por França (2017), e o debate que ocorre sobre esse modelo, em que alguns poliamoristas definem seus relacionamentos como poliamor livre. O mesmo autor (2017, p. 56) refere que:

Do ponto de vista das RLi, as hierarquias nas relações afetivo-amorosas múltiplas supostamente não fazem sentido, uma vez que eles/as vão contra também a noção de um relacionamento estável, estabilizado, diferentemente da perspectiva do poliamor. A crítica que poliamantes realizam às RLi nesse sentido é a de que lidar com as relações amorosas dessa maneira é em alguma medida ‘mais fácil’ porque não é preciso lidar com as instabilidades dos relacionamentos, com as negociações diversas, com brigas e desentendimentos, etc.

Nesse sentido, França (2017) refere que também muitos colocam os relacionamentos abertos como uma ponte para o poliamor. Geralmente, as relações se tornam abertas diante da dificuldade do casal monogâmico lidar com questões referentes ao ciúme e ao desejo por outras pessoas. Aparentemente, em um primeiro momento, a abertura de uma relação monogâmica ocorre no âmbito sexual, para depois ser expandida para o envolvimento afetivo. Sendo assim, devido à complexidade do amor, alguns adeptos consideram o poliamor um modelo de vínculo mais maduro do que os modelos abertos.

O que muitos adeptos concordam é sobre a importância do diálogo nas relações poliamoristas. Levando em consideração os acordos que precisam ser definidos, a honestidade em relação ao desejo e em relação ao que se sente. Perez e Palma (2018) mostram que o diálogo é estratégia fundamental para minimizar os desentendimentos nas relações e também para evitar situações de abusos no que concerne à assimetria de gênero. Para os poliamoristas, o diálogo contribui para a desconstrução de limites culturais preestabelecidos.

Levando em consideração que o poliamor pretende buscar a simetria de gênero, lutando assim contra modelos patriarcais, o machismo é um tema bastante discutido. Perez e Palma (2018) afirmam que a liberdade sexual é defendida da mesma forma para homens e mulheres, e que as relações poliamorosas combatem os papéis predefinidos culturalmente para homens e mulheres. Questões sobre machismo e feminismo podem ser observadas no discurso de um dos entrevistados pelas autoras, Rafael: “o feminismo acabou entrando na nossa vida antes

do poliamor até e o feminismo já fala muito disso, de vínculos de poder e de liberdade, que o poliamor também vai considerar muito” (PEREZ; PALMA, 2018, p. 6).

Há uma preocupação maior das mulheres em relação à aceitação social quando se assumem em relacionamentos poliamoristas, já que historicamente, para o homem sempre houve maior liberdade para terem relacionamentos extraconjugais, mesmo quando em relações monogâmicas. Além disso, aos homens também notamos uma permissão e aceitação maior para se envolverem com mais de uma pessoa amorosamente ao mesmo tempo. Nesse sentido, Perez e Palma (2018) nos mostram que a desconstrução do amor romântico é necessária e pode ser mais difícil para as mulheres. Uma das entrevistadas, Bianca, nos relata que a educação sexual para homens e mulheres em nossa cultura é muito diferente, o que contribui para que a desconstrução seja gradual.

Pilão (2015) traz a discussão sobre o machismo com os entrevistados e apresenta também opiniões divergentes sobre o tema e como combatê-lo. Algumas entrevistadas consideram que para alguns homens, ser poliamorista é aceitável apenas quando ocorre com “a mulher dos outros”. Já para dois homens entrevistados, o machismo também é nocivo para os homens, pois os limita e ensina a competir desde muito cedo, prejudicando os relacionamentos afetivos. Outros dois participantes mostram opiniões divergentes a respeito do feminismo. João alega que os homens são machistas e que só haveria amor no contexto de igualdade, enquanto Maurício recusa o termo feminista e alega que muitas mulheres colocam todos os homens no mesmo lugar, fazendo com que sua geração sofra com o que chama de “feminismo de guerrilha”.

Falar sobre poliamor aflora discussões sobre igualdade de gênero e orientação sexual. Pilão (2015, p. 403) nos leva ao debate sobre a teoria *queer*, que visa “subverter e desestabilizar a dicotomia masculino/feminino, legitimando os trânsitos e o ‘entre-lugar’”, trazendo uma crítica ao sistema binário de gênero. Alguns de seus entrevistados questionam suas próprias identidades de gênero, sendo que uma delas se considera *trans*. Sobre tais questionamentos sobre gênero, ressalta que:

Podemos afirmar que a crítica de poliamoristas aos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres comporta dois níveis: no primeiro, defende-se o feminismo e a conquista de direitos pelas mulheres e, no segundo, critica-se a distinção entre homem e mulher e se luta contra a classificação de pessoas em identidades de gênero. Os termos utilizados para designar essa ruptura são *queer*, transgênero e androginia. (PILÃO, 2015, p. 405).

Outra questão a ser abordada nos relacionamentos poliamorosos é a bissexualidade, uma vez que os poliamoristas questionam a monogamia e o casamento heterossexual e que seria pertinente compreender como os

adeptos definem suas orientações sexuais (PILÃO, 2012). Em pesquisas realizadas em outros países, muitos indivíduos que se denominam bissexuais se encontram em modelos de relacionamento diversos à monogamia. Uma das entrevistadas pelo autor acredita que a heterossexualidade e a homossexualidade limitam as possibilidades de relacionamento. Outro participante alega que gostaria de ser bissexual, embora se defina como gay.

No poliamor, podemos observar a abertura de diversas possibilidades, e sendo assim, a orientação sexual pode significar limitação. Percebe-se em relatos que, para as mulheres, a bissexualidade é mais valorizada, enquanto para os homens, em alguns momentos, é vista como algo secundário. Nesse sentido, podemos avaliar a experiência homossexual aos homens como diretamente relacionada à perda da masculinidade, já que muitas vezes homens gays são relacionados ao feminino. Para as mulheres, embora tenhamos alguns perfis considerados socialmente mais masculinizados, relacionar-se com indivíduos de ambos os sexos torna-se mais aceito, por não haver uma identidade lésbica tão bem demarcada como a identidade gay para os homens (PILÃO, 2012).

Os relacionamentos poliamoristas enfrentam, além das dificuldades inerentes à relação amorosa, os problemas ligados à aceitação familiar e social. Perez e Palma (2018) relatam que seus entrevistados referem enfrentar situações de preconceito e, muitas vezes, optam por colocar os vínculos poliamorosos à margem, algumas vezes se protegendo através de relacionamentos heterossexuais primários. Uma das entrevistadas que vive uma relação trisal revela que ao se despedir do namorado e da namorada percebe olhares de desprezo das pessoas na rua. Outra entrevistada fala sobre o preconceito quando se envolve com alguém e revela ser poliamorista.

A questão de gênero também permeia o preconceito, sendo que muitas mulheres não se envolvem com homens antes de conhecê-los, levando em consideração a formação machista e patriarcal da nossa sociedade. Uma das entrevistadas de Perez e Palma (2018) revela que sofreu perseguição de um homem que tinha ficado quando soube que ela tinha um relacionamento aberto.

Há também a discussão no ambiente familiar e de trabalho. Tavares e Souza (2017) discutem essa questão apresentando pontos de vista diferentes de seus entrevistados. Um deles alega que uma relação poliamorista fechada persiste em se manter em um modelo monogâmico, o que faz com que o ideal de poliamor seja usurpado. Para outros participantes, a legalidade e a constituição de família se tornam mais difíceis justamente por não haver a concordância quanto à definição do poliamor, além disso, também dificultar a formação de uma família.

No que diz respeito à aceitação da família, Perez e Palma (2018) mostram que alguns entrevistados afirmaram que não tiveram problema quando a família soube

e que outros, embora tendo famílias bastante preconceituosas, não foram questionados por seu modo de vida.

Assim, é possível perceber que ainda há muito a discutir sobre as definições do poliamor, suas configurações possíveis, bem como sobre as questões que permeiam e, muitas vezes, limitam formas de se relacionar.

### Discutindo o poliamor

O poliamor se apresenta como opção de vínculo afetivo, defendendo que as relações amorosas podem ocorrer com mais de uma pessoa ao mesmo tempo e que é possível, especialmente através do amor, desconstruir paradigmas socialmente estabelecidos. Os adeptos do poliamor concordam que a monogamia já é um modelo que não cabe mais na atualidade e que deve ser questionado.

Para aprofundar nossa argumentação sobre as novas configurações amorosas, trazendo uma discussão sobre o poliamor, utilizamos estudos realizados nos últimos dez anos no Brasil. Dentre as pesquisas selecionadas, foi possível observar que a concordância entre os adeptos é da prática não monogâmica, pautada no respeito à individualidade e subjetividade do indivíduo, sendo que uma das palavras mais comentadas entre os adeptos é a consensualidade, podendo assim, serem estabelecidos acordos entre os participantes. Além disso, vários foram os temas abordados na relação poliamorosa. Os dados desses estudos encontram-se agrupados no Quadro I.

**Quadro I:** Principais temas abordados em estudos sobre poliamor no Brasil, nos últimos dez anos

Autor, local, ano	Metodologia	Participantes	Temas abordados
Pilão, Rio de Janeiro, RJ, 2012	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. Comunidade do Orkut Poliamor Brasil. Sites: poliamorbrasil.org e poliamores.blogspot.com	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não há informações sobre os participantes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definições sobre o uso do termo;</li> <li>• Ciúme e compersão;</li> <li>• Consensualidade e honestidade;</li> <li>• Poliamor como evolução à monogamia;</li> <li>• Modelos de relação: relacionamento livre X polifidelidade;</li> <li>• Elo entre bissexualidade e poliamor;</li> <li>• Aumento de possibilidades para bissexuais.</li> </ul>
Antônio Pilão e Miriam Goldenberg, Rio de Janeiro/RJ, 2012.	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. Comunidade do Orkut Poliamor Brasil. Sites: poliamorbrasil.org e poliamores.blogspot.com	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não há informações sobre os participantes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definições sobre o uso do termo;</li> <li>• Ciúme e compersão;</li> <li>• Consensualidade;</li> <li>• Discussão sobre a paixão nas relações monogâmicas e poliamorosas.</li> </ul>
Pilão, Rio de Janeiro, RJ, 2015.	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. Comunidade do Orkut Poliamor Brasil. Sites: poliamorbrasil.org e poliamores.blogspot.com	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cinco participantes: 3 mulheres e 2 homens;</li> <li>• Idades: de 24 a 37 anos;</li> <li>• Ensino superior concluído ou em andamento;</li> <li>• Classe média*;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definições sobre o uso do termo;</li> <li>• Ciúme e compersão;</li> <li>• Ideologia: Liberdade e igualdade;</li> <li>• Equidade de gênero – adoção do termo Queer;</li> <li>• Machismo.</li> </ul>
França, Toledo, PR, 2017	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. Redes: Grupo Poliamor Brasília/DF; Facebook; Whatsapp e encontros presenciais.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não definido o número de participantes;</li> <li>• Idades: 18 a 35 anos;</li> <li>• Universitários;</li> <li>• Classe média*;</li> <li>• Centros urbanos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definições sobre o uso do termo;</li> <li>• Ciúme e compersão;</li> <li>• Consensualidade;</li> <li>• Modelos de relação: relacionamento livre X polifidelidade;</li> <li>• Idealizações sobre o poliamor: Relação aberta como ponte para o poliamor.</li> </ul>
Peterson Merlugo Tavares e Rosana Cristina da Silva Souza, Lins/SP, 2017.	Pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. Questionário, entrevista semidirigida.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 30 participantes: 22 homens e 8 mulheres;</li> <li>• 33% heterossexuais;</li> <li>• 33% bissexuais,</li> <li>• 20% homossexuais,</li> <li>• 10% pansexuais,</li> <li>• 3% assexuais.</li> <li>• Idades: de 26 a 55 anos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definições sobre o uso do termo;</li> <li>• Ciúme e compersão;</li> <li>• Preconceitos e aceitação;</li> <li>• Desafios na relação/comunicação/família;</li> <li>• Casamento e reconhecimento.</li> </ul>

Autor, local, ano	Metodologia	Participantes	Temas abordados
Perez e Palma, Porto Alegre, RS, 2018	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. <i>Snow ball sampling</i> . Amostra de conveniência	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 6 participantes: 4 mulheres e 2 homens;</li> <li>• Idades: De 21 a 27 anos;</li> <li>• Sem filhos;</li> <li>• Formação superior concluída ou em andamento;</li> <li>• Classe média*</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definições sobre o uso do termo;</li> <li>• Ciúme e compersão;</li> <li>• Simetria de gênero;</li> <li>• Preconceito social, trabalho e família;</li> <li>• Modelos de relação – relacionamento livre X polifidelidade.</li> </ul>

\* **Classe média:** famílias com renda superior a R\$5,7 mil (IBGE, 2019).

Nos estudos analisados, foi possível observar discordância entre os entrevistados a respeito do conceito de poliamor e quais relações pertencem a esse universo. Nota-se que, para alguns adeptos, o poliamor tem direta ligação com os envolvimento livres e que é possível construir mais de uma relação ao mesmo tempo, amando as pessoas envolvidas. Para outros, no entanto, o vínculo poliamoroso consiste em relacionamentos fechados entre três ou mais pessoas, havendo a polifidelidade, o que, para os que acreditam em outras possibilidades, ressoa como uma manutenção de padrões monogâmicos. Nesse sentido, percebe-se o primeiro ponto de discordância entre os participantes, que está de acordo com o que nos mostra a literatura, pois para Munson e Stelboum (1999), o termo poliamor inclui uma grande variedade de estilos de vínculos afetivos, como polifidelidade, ou casamento grupal; relacionamentos primários abertos a outros secundários; assim como envolvimento sexuais casuais com duas ou mais pessoas.

Há a concordância entre os entrevistados, nos estudos analisados, de que para estar em uma relação poliamorosa é preciso constantemente haver diálogo e respeito à individualidade, além da equidade de gênero, o que faz com que seja necessária a desconstrução o machismo. O mesmo foi observado por Klesse (2006), que conduziu estudo qualitativo e entrevistou 44 adultos ingleses que estavam ou já haviam estado envolvidos em vínculos poliamorosos. O autor ressalta que há elementos centrais em seus achados, frequentemente citados pelos participantes como importantes nesse tipo de relacionamento: comunicação, negociação, responsabilidade, afetividade, intimidade e compersão, todos associados a um grande tema, a honestidade.

Os participantes dos estudos analisados também concordam que viver relacionamentos poliamorosos pode expor os adeptos a terem que lidar constantemente com pressões sociais e familiares, fazendo com que muitos se mantenham apenas em espaços seguros e muito voltados apenas ao âmbito interno dessas relações. Uma hipótese é

que isso se deve ao fato do poliamor ter sido associado à promiscuidade, paradigma que precisa ser desconstruído, como aponta Klesse (2006), que em seu estudo ressalta que esse tipo de conjugalidade pode ser encarado como um tipo de relacionamento não monogâmico responsável.

Outro tema observado em nosso estudo foi o ciúme. Nossos achados mostraram que os participantes dos estudos incluídos concordam que seja construído socialmente e que é um sentimento que não deva ser negado, mas que precisa ser trabalhado através da compersão, que consiste em sentir empatia pelo parceiro quando ele se mostra interessado e/ou está se envolvendo com outra pessoa. A compersão, portanto, é vista como uma das premissas básicas do poliamor. O mesmo foi observado por Mogilski e outros (2019), em estudo realizado com 690 adultos americanos, usuários de mídias sociais e em algum tipo de relacionamento romântico, no momento da pesquisa. Os autores compararam o grupo que estava em vínculos monogâmicos ao grupo com relações não monogâmicas consensuais e verificaram que, entre os indivíduos do segundo grupo, a compersão não era vista como o oposto do ciúme, mas como a satisfação de fornecer um recurso desejável a um parceiro valioso.

A respeito da equidade de gênero, nossos dados mostraram que os homens vivem as relações poliamorosas de maneira diferente das mulheres. Os participantes dos estudos analisados concordam que o machismo precisa ser constantemente desconstruído para que haja a liberdade e o respeito à individualidade. Nesse sentido, também é abordado o preconceito social que é maior com as mulheres que vivem esse modelo de relação e, como aponta Klesse (2005), devido ao sexismo generalizado e à heteronormatividade hegemônica, as mulheres ainda precisam negociar sua sexualidade em um contexto moldado por uma tensão de prazer e perigo. O autor conduziu estudo com indivíduos poliamoristas ingleses e verificou que a consciência e consideração dos perigos potenciais de uma vida sexual ativa (como estigmatização, ostracismo ou a exposição a

atos de violência emocional, física ou sexual) têm marcado a história e os relatos da maioria das mulheres entrevistadas. O mesmo nos diz Bennion (2020), em seu estudo com 66 poliamoristas franceses. A autora ressalta que embora a psicologia evolucionista e a indústria pornográfica tendam a reforçar os estereótipos heteronormativos de homens como atores sociais centrais com múltiplos parceiros sexuais e mulheres como sexualmente passivas, já existem movimentos feministas que defendem uma subjetividade sexual feminina mais autêntica e ativa.

Sobre a orientação afetiva, surge a discussão sobre a bissexualidade e uma maior facilidade de viver o poliamor. Muitos adeptos que se consideram heterossexuais ou homossexuais relatam que gostariam de ser bissexuais, pois ampliaria a possibilidade de relacionamentos. Nesse aspecto, também se percebeu que pessoas que se consideram bissexuais apresentam maiores possibilidades de viver envolvimento afetivos fora dos padrões monogâmicos. Tais achados estão de acordo com o observado em outro contexto socioeconômico e cultural. Os resultados de dois estudos populacionais realizados nos Estados Unidos com adultos solteiros, em 2013 e 2014, mostrou que um em cinco dos entrevistados, havia vivenciado a não monogamia consensual, em algum momento da vida. Além disso, o grupo de pessoas que se identificavam como homossexuais ou bissexuais apresentava maior prevalência de relacionamentos poliamorosos, quando comparado ao grupo de participantes que se identificavam como heterossexuais (HAUPERT et al., 2016).

No âmbito familiar, os estudos mostraram que há dificuldade em assumir uma relação poliamorosa independentemente de como ela seja construída, aberta ou fechada. Da mesma forma, no ambiente de trabalho muitos adeptos preferem não assumir o poliamor e muitos se mantêm protegidos, através de um vínculo heterossexual primário.

Nossa revisão mostra, ainda, que o poliamor vem sendo mais discutido e caminha para maior aceitação em grandes centros urbanos, tanto aqui no Brasil quanto em países como França, (BENNION, 2020), Estados Unidos (HAUPERT et al., 2016; MOGILSKI et al., 2019) e Inglaterra, (KLESSE, 2005, 2006), o que também contribui para a caracterização dos participantes das pesquisas, que em maior parte são universitários e moradores dos centros urbanos.

## Conclusão

Neste estudo, foi possível observar como as relações afetivas consideradas alternativas ainda não são reconhecidas socialmente e juridicamente no Brasil, o que também parece ocorrer em outros países. Além disso, ampliar os conhecimentos científicos sobre o poliamor

pode contribuir para fomentar discussões sobre essas novas formas de se relacionar na modernidade, repensar sobre os padrões de conjugalidade estabelecidos, combater o preconceito e pensar em possibilidades de ações que favoreçam esses vínculos no que diz respeito à luta por direitos no âmbito moral, jurídico e social.

É importante compreender como as pessoas se posicionam a respeito de novas maneiras de se relacionar e pesquisas futuras também poderão contribuir para a construção de novas definições, possibilitando assim levar a discussão e possíveis mudanças a outros âmbitos.

## Referências

BENNION J. Polyamory in Paris: A social network theory application. *Sexualities*, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1363460720975328?icid=int.sj-abstract.citing-articles.1#>. Acesso em: 08 fev. 2021.

CARDOSO, D. Amores plurais situados: para uma metanarrativa socio-histórica do poliamor. *Tempo da Ciência*, v. 24, n. 48, p. 12-28, 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/18962>. Acesso em: 18 nov. 2020.

COSTA, T; BELMINO, M. C. Poliamor: entre a institucionalização e a transgressão. *Tempo da Ciência*, v. 24, n. 48, p. 77-86, 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/18966>. Acesso em: 18 nov. 2020.

ENGELS, F. *A origem da família da propriedade privada e do estado*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

FRANÇA, M. “Um é pouco, dois é bom”, três (ou mais) é demais? – processos de negociação em torno de (in)definições êmicas do poliamor. *Tempo da Ciência*, v. 24, n. 48, p. 45-61, 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/18964>. Acesso em: 18 nov. 2020.

FREIRE, S. E. A.; GOUVEIA, V. V. Poliamor: uma forma não convencional de amar. *Tempo da Ciência*, v. 24, n. 48, p. 62-76, 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/18965>. Acesso em: 18 nov. 2020.

- HAUPERT, M. L. *et al.* Prevalence of experiences with consensual nonmonogamous relationships: Findings from two National Samples of Single Americans. *Journal of Sex & Marital Therapy*, v. 43, n.5, p.424-440, 2016.
- IBGE. Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101670.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.
- KLESSE, C. Bisexual women, non-monogamy and differentialist anti-promiscuity discourses. *Sexualities*, v. 8, n. 4, p. 445-464, 2005.
- KLESSE, C. Polyamory and its “others”: Contesting the terms of non-monogamy. *Sexualities*, v. 9, n. 5, p. 565-583, 2006.
- LINS, R. N. *A Cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.
- MOGILSKI, J. K. *et al.* Jealousy, consent, and compersion within monogamous and consensually non-monogamous romantic relationships. *Archives of Sexual Behavior*, v. 48, p. 1811-1828, 2019.
- MUNSON, M.; Stelboun, J. P. ‘Introduction: The lesbian polyamory reader: Open relationships, non-monogamy and casual sex’. In: MUNSON, M.; STELBOUM, J. P. (ed.). *The Lesbian Polyamory Reader*. London: Harrington Park Press, 1999. p. 1-10.
- PEREZ, T. S.; PALMA, Y. A. Amar amores: o poliamor na contemporaneidade. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, e165759, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822018000100208&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100208&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 18 nov. 2020.
- PILÃO, A. C. Ninguém deveria se preocupar se o parceiro transa com outra pessoa”: uma análise da militância não monogâmica de Regina Navarro Lins. *Tempo da Ciência*, n. 24, v. 48, p. 29-44, 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/18963>. Acesso em: 18 nov. 2020.
- PILÃO, A. C. Poliamor e bissexualidade: idealizando desvios. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36., 2012. *Anais [...]*. São Paulo: ANPOCS, 2012. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/36-encontro-anual-da-anpocs/gt-2/gt32-2/8221-poliamor-e-bissexualidade-idealizando-desvios>. Acesso em: 18 nov. 2020.
- PILÃO, A. C.; GOLDENBERG, M. Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Ártemis*, v. 13, n. 1, p. 62-67, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/14231>. Acesso em: 18 nov. 2020.
- PILÃO, A. Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. *Cadernos Pagu*, n. 44, p. 391-422, 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332015000100391&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332015000100391&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 18 nov. 2020.
- SILVA, V. S. V.; NERES, G. M.; SILVA, R. Michel Foucault e o Poliamor: cuidado de si, parresía e estética da existência. *Tempo da Ciência*, v. 24, n. 48, p. 87-108, 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/18968>. Acesso em: 18 nov. 2020.
- TAVARES, P. M.; SOUZA, R. C. S. *Poliamor: o perfil dos praticantes e os desafios enfrentados*. Monografia (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins, 2017. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/61009.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.